

BARBARA O'CONNOR

≡ APENAS UM ≡

Desejo

Os teus desejos podem tornar-se realidade...
só tens de acreditar!



*Um agradecimento especial a Barbara
e Harvey Markowitz por nunca me faltarem...
e a Kirby Larson, Sue Hill Long e Augusta Scattergood.
Longa vida à irmandade!*

Para a Monika, amiga verdadeira.



UM

Olhei para a ficha em cima da carteira.
A ficha *Para Te Conhecermos Melhor*.

No topo da folha, a professora Willibey tinha escrito «Charlemagne Reese».

Fiz um X enorme em cima de «Charlemagne» e escrevi «Charlie».

Chamo-me Charlie. «Charlemagne»¹ é um nome parvo para rapariga e já disse isso à minha mãe milhões de vezes.

Olhei em redor para todos os miúdos campónios a fazerem exercícios de Matemática nos manuais.

A Alvina, a minha melhor amiga, tinha-me dito que seriam miúdos campónios.

— Vais detestar Colby — disse ela. — Lá só há estradas de terra batida vermelha e miúdos campónios. — Ela sacudiu o cabelo sedoso para cima dos ombros e acrescentou: — Aposto que até esquilos comem.

¹ «Charlemagne» é o nome em língua inglesa do imperador Carlos Magno. [N. da T.]

Olhei para as lancheiras por baixo das carteiras à minha volta e fiquei a pensar se teriam dentro sandes de esquilo.

Olhei outra vez para a ficha que tinha à frente. Devia preencher aquela cena toda para a professora nova me ficar a conhecer.

Na linha ao lado de *Descreve a tua família*, escrevi: «Má.»

Qual é a tua disciplina favorita na escola? «Nenhuma.»

Refere três atividades de que gostes. «Futebol, ballet e lutas.»

Duas destas atividades favoritas eram mentira, mas uma delas era verdade.

Gosto de andar à bulha.

A minha irmã Jackie herdou o cabelo preto tintado do nosso pai e eu herdei o mau génio dele. Se tivesse uma moeda por cada vez que ouvi dizer «quem sai aos seus não degenera», estaria rica. O pai anda tanto à bulha que toda a gente lhe chama Rixas. Aliás, neste preciso momento, enquanto estou aqui presa em Colby, na Carolina do Norte, rodeada de miúdos campónios, o velho Rixas está outra vez na cadeia, por conta do tanto que ele gosta de se meter em lutas e confusões.

Não preciso de uma bola de cristal para saber que, neste preciso momento, na nossa casa de Raleigh, em pleno dia, a mãe está enfiada na cama com os estores fechados e latas de refrigerantes vazias na mesa

de cabeceira. E vai ficar na cama o dia inteiro. Se eu lá estivesse, ela não se ralaria nada que eu fosse às aulas ou que ficasse no sofá a ver televisão e a almoçar bolachas.

— Mas isto é apenas a ponta do icebergue — disse a senhora da assistência social quando fez uma lista de razões para eu ser despachada para esta miséria de ter-rinha a fim de viver com duas pessoas que nem sequer conhecia. — É melhor ficar com família — assegurou-me ela. — O Gus e a Bertha são teus parentes.

— Como assim? — perguntei.

Ela explicou que a Bertha é irmã da mãe e o Gus é o marido. Disse que eles não tinham filhos e que não se importavam de ficar comigo.

— Então porque é que a Jackie fica com a Carol Lee? — Devo ter perguntado isto um milhão de vezes. A Carol Lee é a melhor amiga da Jackie. Mora numa casa elegante com piscina e feita com tudo o que há de melhor. A mãe dela sai da cama todas as manhãs e ninguém chama Rixas ao pai.

A senhora disse-me outra vez que a Jackie é praticamente adulta e que vai terminar o secundário daqui a uns meses.

Quando a relembrei de que estou no 5.º ano e que já não sou propriamente bebé, ela suspirou, fez um sorriso fingido e disse:

— Charlie, tu tens de viver com o Gus e a Bertha por algum tempo.

Eu nunca tinha visto aquela gente mais gorda e agora tinha de *viver* com eles? Quando perguntei quanto tempo tinha de lá ficar, ela respondeu que era até as coisas acalmarem e a mãe conseguir aguentar-se com os pés no chão.

Ora, qual é a dificuldade de uma pessoa se aguentar com os pés no chão? Foi o que eu pensei logo.

— Tu precisas de um ambiente familiar estável — afirmou, mas eu sabia que, na verdade, ela queria dizer isto: «Tu precisas de uma família que não esteja destroçada como a tua.»

Mesmo assim, queixei-me e refilei, queixei-me e refilei, o que de nada adiantou, pois agora estou em Colby, na Carolina do Norte, a olhar para esta ficha *Para Te Conhecermos Melhor*.

— Já terminaste, Charlemagne? — A professora Willibey apareceu de repente ao meu lado.

— O meu nome é Charlie — disse eu, e um rapaz com cabelo oleoso que estava na parte da frente da sala desatou a rir-se e a deitar perdigotos. Mande-i-lhe um dos meus famosos olhares furibundos até ele se calar e ficar vermelho como um tomate.

Entreguei a ficha à professora Willibey e fiquei a ver-lhe os olhos dardejarem enquanto a lia. Ficou com o pescoço cheio de manchas vermelhas e vi-lhe os cantos da boca a mexerem. Nem sequer olhou para mim antes de marchar para a frente da sala e de largar a ficha em cima da secretária como se fosse uma batata quente.

APENAS UM DESEJO

Descaí na cadeira e limpei as palmas das mãos suas das aos calções. Ainda estávamos em abril, mas já fazia uma caloração.

— Queres que te ajude com isso? — O rapaz à minha frente apontou para o trabalho de Matemática que eu tinha na carteira. Era ruivo e usava óculos pretos e feios.

— Não — respondi.

Ele encolheu os ombros, tirou um lápis da carteira e dirigiu-se ao afia-lápis.

Para cima.

Para baixo.

Para cima.

Para baixo.

Era assim o andar dele.

Como se tivesse uma perna mais curta do que a outra.

E arrastava um pé no chão, e o sapato fazia barulhos, tipo guinchos.

Olhei para o relógio.

Caraças! Tinha perdido as 11h11.

Tenho uma lista de todas as maneiras que há de se pedir um desejo, como ver um cavalo branco ou soprar um dente-de-leão. Olhar para um relógio exatamente às 11h11 consta da minha lista. Aprendi isso com um velho qualquer que era dono da loja de pesca à beira do lago onde eu e o Rixas costumávamos pescar. Agora que perdera as 11h11, tinha de arranjar outra maneira

de pedir o desejo do dia. Não falhara um único dia de pedir desejos desde o fim do 4.º ano, não era agora que havia de falhar.

Nisto, a professora Willibey apontou com a cabeça para o miúdo ruivo a afiar o lápis e disse:

— Howard, porque não ficas algum tempo «Amigo de Mochila» da Charlie?

A professora Willibey explicou que, quando chega um aluno novo à escola, o «Amigo de Mochila» faz a visita guiada e explica as regras até o novo aluno se adaptar.

O Howard sorriu e disse:

— Com certeza.

E pronto. Fiquei com um «Amigo de Mochila», quer quisesse, quer não.

O resto da tarde passou-se tão devagar que eu já não aguentava mais. Fiquei a olhar pela janela enquanto os meus colegas falavam sobre os trabalhos de Estudos Sociais. Estava nevoeiro e tinha começado a chover naquele momento. Ao longe, nos cumes das montanhas, pairavam nuvens cinzento-escuras. Quando soou finalmente o toque, escapei-me logo e fui para o autocarro. Corri pela coxia fora e deixei-me sentar na última fila. Fixei os olhos num bocado de pastilha elástica seca agarrada ao assento da frente enquanto lançava pensamentos-laser pelo autocarro fora.

Não te sentes ao pé de mim.

Não te sentes ao pé de mim.

APENAS UM DESEJO

Não te sentes ao pé de mim.

Se tinha de ficar num autocarro cheio de miúdos que não conhecia de lado nenhum, ao menos que ficasse sentada em paz.

Parecia que os pensamentos-laser funcionavam, portanto tirei os olhos da pastilha elástica e olhei pela janela.

O miúdo ruivo que andava para cima e para baixo corria para o autocarro, com a mochila a ressaltar a cada passo.

Quando ele entrou no autocarro, olhei logo para a pastilha elástica e disparei pensamentos-laser outra vez.

Ora, o miúdo não perdeu tempo a arrastar-se coxia acima e a deixar-se cair mesmo ao pé de mim.

Depois estendeu a mão e disse:

— Olá, chamo-me Howard Odom. — Empurrou os óculos pretos e feios nariz acima e acrescentou: — O teu «Amigo de Mochila».

Mas que espécie de miúdo é que dá apertos de mão assim? Que coisa mais estranha!

Continuou de mão estendida e a olhar para mim até eu não poder escapar mais. Dei-lhe um aperto de mão.

— Charlie Reese — disse-lhe.

— De onde és?

— Raleigh.

— Porque é que estás cá?

Mas que abelhudo. Por outro lado, achei que, se contasse a verdade nua e crua, ele se calaria, e talvez até já nem quisesse ser meu «Amigo de Mochila».

— O meu pai está na cadeia e a minha mãe não quer sair da cama — respondi.

O miúdo nem sequer pestanejou.

— Está na cadeia porquê?

— Lutas.

— Porquê?

— Porquê o quê?

Ele limpou os óculos embaciados à fralda da t-shirt. Tinha a cara toda rosada com o calor húmido do autocarro.

— Andou a lutar porquê? — perguntou.

Encolhi os ombros. Sabia-se lá porque é que o Rixas se metia em lutas. Além disso, provavelmente havia mais um monte de razões para o porem na cadeia, mas nunca ninguém me conta nada.

— O Gus e a Bertha disseram à minha mãe que vinhas. Eles vão à minha igreja e uma vez dei-lhes um gato — disse o Howard. — Um gato escanzelado que morava debaixo do meu alpendre.

Depois nunca mais se calou. Contou que o Gus lhe ensinou a fazer uma fisga, que a Bertha às vezes vende pickles para comer com pão com manteiga à beira da estrada, no verão. Que a mãe dele se estampou uma vez com o carro numa vala ao lado da entrada do Gus e da Bertha, e que o Gus o puxou com o trator e

depois comeram todos sandes de carne assada no pátio da frente.

— Vais gostar de viver com eles — disse ele.

— Não vou *viver* com eles — retorqui. — Vou voltar para Raleigh.

— Ah. — Ele olhou para as mãos sardentas que tinha pousadas no colo. — Quando?

— Quando a minha mãe se aguentar com os pés no chão.

— Quanto tempo vai demorar?

Encolhi os ombros.

— Não muito.

Porém, o nó que eu tinha no estômago dizia-me que era mentira. A angústia que me apertava o coração dizia-me que a minha mãe se calhar nunca viria a aguentar-se com os pés no chão.

À medida que o autocarro saía do parque de estacionamento e rumava à cidade, o Howard foi fazendo uma lista de regras do autocarro da escola. Nada de guardar lugar. Nada de pastilha elástica. Nada de escrever nas costas dos assentos. Nada de dizer asneiras. Uma trapalhada de regras a que de certezinha ninguém ligava nenhuma, tirando talvez o Howard.

Pela janela, fui observando o cenário patético de Colby. Bomba de gasolina. Parque de caravanas. Lavandaria. Não era lá grande cidade, cá para mim. Não tinha centros comerciais nem cinemas. Nem sequer um restaurante chinês.

Não tardou que o autocarro subisse a montanha. Tinha parado de chover e saíam do alcatrão ondinhas de vapor. A estrada estreita fazia curvas e dava voltas. De vez em quando, o autocarro parava para deixar sair um miúdo qualquer em frente de uma casa deprimente com um quintal de terra batida vermelha. Estávamos quase a chegar à casa do Gus e da Bertha quando o autocarro parou e o Howard disse:

— Até logo.

Saiu com ele outro miúdo ruivo que parecia mais novo. Fiquei a vê-los atravessar o quintal cheio de ervas daninhas até à casa. Havia bicicletas, skates, bolas de futebol e ténis espalhados da porta da frente até à estrada. Uma mangueira de rega a serpentear da torneira a pingar até um buraco no quintal. Um rapazinho de cara suja deitava pedras para dentro do buraco e salpicava tudo com água lamacenta.

O Howard acenou quando o autocarro arrancou, mas virei os olhos outra vez para a pastilha elástica seca.

Quando finalmente chegámos ao longo caminho de gravilha que dava acesso à casa do Gus e da Bertha, desci e fiquei a ver o autocarro ir-se embora, fazendo agitar a folhagem verde, ensopada pela chuva, que ladeava a estrada. Comecei a subir o acesso quando reparei numa coisa brilhante na lama.

Uma moeda!

APENAS UM DESEJO

Corri para lá e apanhei-a. Depois lancei-a o mais longe que consegui e pedi logo o desejo antes de a moeda cair na estrada e ressaltar para a mata.

Pronto! O desejo do dia estava pedido.

Talvez fosse desta que se concretizava.



DOIS

Subi o longo caminho, a saltitar por cima das poças de água da chuva e a pensar no que a Jackie estaria a fazer naquele minuto. Provavelmente a fumar com algum rapaz no parque de estacionamento do Piggly Wiggly em frente à escola secundária. Toda a gente pensa que a minha irmã é um anjo caído do céu, mas eu é que sei.

Quando a casa do Gus e da Bertha finalmente apareceu, parei. Já lá estava há quatro dias, mas ainda não me conseguia habituar a ver a casa pendurada na encosta da montanha daquela maneira. A fachada irrompe do chão com arbustos floridos a brotar por todo o lado. As traseiras estão apoiadas em estacas cravadas na encosta. Em cima das estacas, um pequeno alpendre com duas cadeiras de balouço e floreiras nas janelas cheias de flores debruçadas sobre o corrimão.

Na primeira noite que passei em Colby, o Gus arrastou uma cadeira da cozinha lá para fora, para eu me sentar depois da janta. A Bertha fez-me um milhão de perguntas, tipo, qual era a minha disciplina favorita na escola e se eu tinha um número da sorte. Se queria ir

nadar à piscina do centro de juventude qualquer dia, se gostava de amendoins cozidos. Limitei-me a murmurar qualquer coisa e a encolher os ombros até ela finalmente desistir. Estava tão zangada que nem conseguia falar. O que é que eu estava ali a fazer no alpendre com pessoas que não conhecia de lado nenhum? Sentia-me como que atirada para a beira da estrada, como uma ninhada de gatinhos indesejados. Ficámos os três em silêncio, a ver o sol pôr-se atrás da montanha e os pirlampos a piscarem por entre os pinheiros.

Tinha passado os três dias seguintes a tentar convencer o Gus e a Bertha de que era uma parvoíce eu ir às aulas visto quase ser verão. Ora, mal tinha dado por ela, já estava sentada no autocarro cheio de miúdos campónios a caminho da escola.

— Ora viva — disse a Bertha à porta, quando atravessei o pátio. Saiu um gato pardo e gordo de debaixo da arrecadação da horta e pôs-se a trotar a meu lado. O Gus e a Bertha tinham uma catrefa de gatos, a dormir debaixo do alpendre, a apanhar sol nos parapeitos, a enxotar abelhas na horta.

Entrei e larguei a mochila na poltrona puída do Gus. Chegou-me o cheiro a canela quente pela porta da cozinha.

— Fiz bolo de café — disse a Bertha. — Porque será que se chama bolo de café? Não leva nem uma pinga. — Ela segurou a porta para o gato entrar. — Ah, já sei. Porque se deve beber café quando se come o bolo.

Que te parece? Bem, seja como for, não interessa, pois não?

Tinha ficado evidente, desde o primeiro dia, que a Bertha era faladora. Não se parecia nada com a irmã, a minha mãe, que passava dias sem dizer palavra. Porém, as parecenças físicas tinham sido uma surpresa. Os mesmos dedos compridos e esbeltos. Até as mesmas rugas de expressão dos lados da boca.

Centrei-me à mesa da cozinha e fiquei a ver a Bertha cortar uma fatia grossa de bolo e pô-la numa folha de papel absorvente para mim. Depois puxou da cadeira mais perto da minha e disse:

— Conta-me tudinho do teu primeiro dia. A professora. Os outros miúdos. Como é a tua sala de aula. O que comeste ao almoço. O que fizeste no intervalo. Tudo e mais alguma coisa.

— Houve uma miúda que comeu uma sandes de esquilo — disse eu.

As sobrancelhas da Bertha sumiram-se.

— Uma sandes de esquilo? Tens a certeza?

Lambi o dedo e fiz pressão no papel absorvente para as migalhas de bolo ficarem coladas. Assenti com a cabeça, mas não olhei para ela quando respondi:

— Tenho a certeza.

Estava um gato pequeno e cinzento em cima do balcão da cozinha a lavar-se. Seria aquele que o Howard lhes tinha dado? A Bertha pegou nele e deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

— A Charlie não quer pelos de gato no bolo de café, *Walter*. — Depois ela pousou-o devagar no chão de linóleo. A cauda dele mexeu-se quando viu um carreiro de formigas a sair de debaixo do lava-louça, na direção de uma mancha negra de qualquer coisa pegajosa ao pé do fogão.

— E há um rapaz que anda para cima e para baixo na minha turma — disse eu.

A Bertha inclinou a cabeça para um lado.

— Pelas alminhas, o que é um rapaz que anda para cima e para baixo? — Ela arrancou uma folha castanha a uma planta no parapeito da janela e meteu-a no bolso.

— Um rapaz chamado Howard que anda para cima e para baixo assim. — Pus-me a dar a volta à mesa da cozinha naquela figura.

— Howard Odom — disse a Bertha. — Bendito seja. É tão inocente, esse menino. Nem bule quando os miúdos gozam com ele, a chamar-lhe nomes como *Balancé*. — Ela abanou a cabeça. — Os miúdos sabem ser mesmo mauzinhos.

— *Balancé*?

— Sim, tu sabes, como aqueles baloiços de duas pessoas que andam para cima e para baixo.

— Ele devia dar-lhes uns murros — disse eu. — Se fosse eu...

A Bertha arregalou os olhos e tornou a abanar a cabeça.

— Aquele menino, não. Não faz mal a uma mosca. *Todos* os Odoms são assim. Têm bom coração. Um bocadinho bravios, às vezes, os irmãos dele. Mas têm bom coração. — Ela apanhou as migalhas da mesa e deitou-as no lava-louça. — Bolas, ainda na semana passada três desses meninos estiveram cá a ajudar o Gus a mudar as tábuas do alpendre que estavam comidas das térmitas, e não quiseram aceitar dinheiro. Mandámo-los para casa com uma saca de serapilheira cheia de nabos, e iam contentes e regalados.

Nabos? Cá para mim, miúdos que ficam contentes e regalados com um saco de nabos só podem ser esquisitos.

A Bertha tornou a sentar-se à mesa ao meu lado.

— E que mais? — perguntou. — Conta-me mais da escola.

Encolhi os ombros. Não ia falar-lhe da ficha *Para Te Conhecemos Melhor*, largada em cima da secretária da professora Willibey como uma batata quente, nem de o Howard ser o meu «Amigo de Mochila». Portanto, respondi:

— Mais nada.

— Mais nada?

— Pois.

A Bertha deu uma palmada na mesa da cozinha.

— Já me esquecia — disse. — Tenho uma coisa para ti. — Fez sinal para ir com ela até ao quartinho onde eu dormia.

— Tcharan! — Abriu muito os braços e sorriu.

Olhei para onde ela olhava, a cama estreita a um canto. Encostadas à parede estavam duas almofadas com fronhas cor-de-rosa e a Cinderela estampada.

— Esta manhã apercebi-me de que este quarto não se parece nada com um quarto de menina — disse a Bertha. — Por isso, fui à loja das pechinchas e comprei estas fronhas. Queria trazer também a colcha a combinar, mas não havia para cama de solteiro. Se calhar volto lá e trago um tapete cor-de-rosa felpudo que vi, se conseguir que o Gus me ajude a tirar daqui aquela cómoda. E sei que tenho de tirar daqui os frascos das conservas, e aquela televisão velha já nem trabalha...

Ela continuou a tagarelar, mas eu nem a ouvia. *Fronhas da Cinderela? Ela deve pensar que tenho 5 anos e não quase 11. De certezinha que não percebe nada de miúdos.*

Nessa tarde, a Jackie ligou de Raleigh. Contou-me que a prima da Carol Lee esteve de visita e lhe deu uma camisola de caxemira que já não queria. O pai da Carol Lee anda a ensiná-la a conduzir, dado que o Rixas nunca ensinou. Disse que andava a pensar em fazer madeixas azuis no cabelo e que um rapaz chamado Arlo a ia levar a uma corrida de carros em Charlotte.

Esteve tão entretida a contar-me tudo da sua vidinha feliz que nem sequer me perguntou como é viver em Colby com miúdos campónios que comem esquilos. Depois de desligarmos, voltei ao meu quarto e deitei-me nas almofadas da Cinderela cheia de pena de mim

mesma. Como é que a Jackie podia estar tão contente? Parecia que ela já não se ralava nada comigo.

Apostei que o Rixas também já não estava nada ralado comigo. Apostei que andava tão entretido a jogar basebol atrás da vedação da cadeia da comarca que nem sequer pensava em mim, ali naquela montanha, numa casa cheia de gatos, com aquela gente que não conhecia de lado nenhum. De certeza que a minha mãe não pensava em mim enquanto arrastava os pés pela casa, de roupão, olhos vermelhos e ombros descaídos.

Tinha mesmo de sair para o alpendre naquela noite e esperar até aparecer a primeira estrela para poder pedir um desejo outra vez. Talvez dois num dia dessem resultado.



TRÊS

Nessa noite, no alpendre das traseiras com o Gus e a Bertha, vi a primeira estrela a cintilar por cima da copa das árvores. Fechei os olhos e desejei loucamente.

— A pedir um desejo? — perguntou o Gus.

Senti-me corar.

— Não.

A Bertha deu uma cotovelada ao Gus.

— Fala-lhe daquele desejo que pediste para o teu tio Dean desaparecer e depois ele desapareceu — disse ela.

O Gus fez um gesto com a mão.

— Ora, Bertie. Ela não quer ouvir essa história do arco da velha. — Ele fez a cadeira baloiçar, o soalho do alpendre ranger e chiar.

A Bertha falava pelos cotovelos e nunca estava sossegada, mas o Gus era calmo e fácil de lidar, todo ele era paciência e despreocupação. Usava um boné de basebol o dia inteiro até à noitinha, com o cabelo castanho ralo a espreitar a toda a volta do boné. A pala era castanho-escura por causa da porcaria e sujidade.

— Aquela ali é a constelação de Pégaso — disse ele, a apontar para um cacho de estrelas que pairava por cima do cume das montanhas ao longe.

— O Gus devia ter sido cientista — disse a Bertha. — Sabe dizer-te tudo o que quiseses sobre estrelas e ar e plantas e água e clima e essas coisas todas.

O Gus fez *fff*.

— Ele acha que me casei com ele por ser bonito. — A Bertha piscou-me o olho. — Mas casei-me com ele por ser inteligente — rematou ela.

O Gus riu-se.

Nisto, aconteceu a coisa mais espantosa. Os dois estenderam os braços ao mesmo tempo e deram as mãos. Foi como se alguém dissesse: «Pronto, aos três, deem as mãos.» Eu nunca na vida vi o Rixas e a mãe de mão dada. Bolas, a maior parte do tempo, nem sequer olhavam um para o outro.

Fiquei a ver o Gus e a Bertha ali sentados a olhar para o céu, com os cantos das bocas virados para cima em sorrisos satisfeitos. De vez em quando, a Bertha olhava com ar sonhador para o Gus, como se ele fosse uma estrela de cinema e não um homem de cabelo ralo que trabalhava numa fábrica de colchões em Cooperville.

Ficámos lá fora até começar a pingar outra vez, uma chuva calma e fria que mandou os gatos aos nossos pés fugirem para dentro.

Nessa noite, fui deitar-me com a cabeça à roda. Pensei no Rixas a ressonar na cadeia da comarca e na

APENAS UM DESEJO

mãe a olhar para o teto do quarto às escuras. Pensei na Jackie, a coscuvilhar baixinho e a pintar as unhas dos pés com a Carol Lee. Pensei no Howard Odom a andar para cima e para baixo e na sua família de bom coração. Pensei no Gus e na Bertha de mãos dadas debaixo do brilho da constelação de Pégaso. Pensei na minha própria pessoa desgraçada, ali deitada a perguntar-me se o meu desejo alguma vez seria realidade.



No dia seguinte, calcei as antigas botas brancas da Jackie, que eram da farda dos desfiles, para ir às aulas. Soube que tinha sido um erro assim que entrei no autocarro. Conforme avançava na coxa, algumas das raparigas apontavam para as botas, aos risinhos e sussurros. Senti a cara a arder e lancei-lhes um olhar furibundo. O Howard fez-me sinal para me sentar ao lado dele, mas deixei-me cair no assento atrás.

Passei a manhã a desenhar no braço com uma caneta de feltro azul e a fingir que lia. No intervalo, o Howard tentou levar-me novamente numa visita guiada à escola.

— Sou o teu «Amigo de Mochila», lembras-te? — disse ele. Abanei a cabeça.

— Esquece lá isso — retorqui. — Não me interessa nada. Além disso, não vou ficar cá muito tempo.

— Então porquê?

Revirei os olhos.

— *Já te disse.* Vou voltar para Raleigh.

— Então, e se a tua mãe não se aguentar com os pés no chão? — perguntou ele.

Mas que diabo de pergunta era aquela? Afastei-me dele, batendo com os pés no chão, sentei-me debaixo das janelas do refeitório e fiz má cara para os rapazes que jogavam à bola no recreio. Dei uma ou duas olhadelas na direção do Howard. Estava a desenhar círculos na terra com o pé e tinha um ar amuado.

Quando soou o toque, toda a gente fez fila. Um monte de miúdos loucos abriu caminho até ficar à frente do Howard, mas ele não disse nada. Quando me dirigi à fila, uma rapariga da minha turma chamada Audrey Mitchell veio ter comigo e disse:

— Belas botas. — E fez um sorriso gozão enquanto as amigas se riam atrás dela.

Senti o mau génio do Rixas a ferver da ponta dos pés ao alto da cabeça. Quente como fogo. Então disse-lhe:

— Obrigadinha. São boas para dar pontapés. — E dei-lhe um pontapé nas canelas magricelas. Com força.

Os minutos seguintes passaram num borrão de choro e gritos e queixinhas, e depois dei comigo sentada diante do diretor, que se chamava Mason. Enquanto me pregava um sermão sobre o meu comportamento impróprio, estudei as estrelinhas e os corações de tinta que tinha desenhado no braço nessa manhã.

O diretor Mason perguntou-me se eu sabia que tinha feito mal e se queria que me fizessem o mesmo

e um monte de perguntas que não me interessavam para nada.

Fui dizendo «sim, senhor» e «não, senhor», mas continuei com os olhos pregados no braço pintado e bati com os saltos das botas brancas contra as pernas da cadeira.

Encolhi os ombros quando ele disse que teria de telefonar à Bertha para contar o que eu tinha feito. Depois voltei para as aulas e pedi desculpa à Audrey Mitchell, embora não me apetecesse, e assim se passou o meu segundo dia de escola em Colby.

Nessa tarde, no autocarro, o Howard não deve ter recebido os meus pensamentos-laser porque veio logo direito a mim e sentou-se ao meu lado.

— Devias guardar lugar para mim, porque acho que os «Amigos de Mochila» devem sentar-se juntos — disse ele.

— É contra as regras — retorqui.

— De certeza que se pode guardar lugar para o «Amigo de Mochila».

Revirei os olhos e olhei pela janela.

— Porque é que deste um pontapé à Audrey Mitchell? — perguntou o Howard.

Contei-lhe que ela tinha dito «belas botas» com um sorriso gozão na cara. Ele abanou a cabeça e disse:

— Caramba, Charlie, porque é que ficas tão zangada? Isso não foi nada.

Lancei-lhe um olhar. Para ele talvez não fosse nada, mas para mim era. Quase lhe falei do mau génio que

herdei do Rixas, mas não. No entanto, falei-lhe de me terem mandado para casa no primeiro dia no jardim de infância por ter enfiado um lápis no olho de um rapaz.

— A ponta de borracha ou a ponta afiada? — perguntou o Howard.

— Afiada.

— Caramba, Charlie.

Encolhi os ombros.

— Pois é. Mas estava fula.

— Com *quê*?

— Ele furou a minha sandes com o polegar — respondi.

O Howard tornou a abanar a cabeça, e o cabelo ruivo caiu-lhe para os óculos.

— Cuidado com o que vais fazer daqui em diante — disse ele. — De cada vez que te sentires a ferver, diz «ananás».

— «Ananás»?

— Sim.

— Porquê?

— Será uma palavra em código a lembrar-te para te acalmares. A mãe ensinou o meu maninho Cotton a dizer «beringela» de cada vez que ele tem vontade de fazer rabiscos na parede.

— E dá resultado?

— Às vezes.

Era a coisa mais parva que eu já tinha ouvido, mas não disse nada. Continuámos em silêncio enquanto

o autocarro subia a estreita estrada da montanha. De vez em quando, o panorama da janela mudava da mata, densa de pinheiros, fetos e rochas cobertas de musgo, para uma vista desimpedida das montanhas que nunca mais acabavam ao longe. Pairava sobre elas uma névoa fumarenta, cinzento-clara, em contraste com o azul profundo das montanhas.

— É por isso que se chama Blue Ridge — tinha dito o Gus no meu primeiro dia em Colby. — Por serem montanhas azuis.

Depois explicou que a cor se devia a qualquer coisa que os pinheiros deitavam para o ar. Eu não sabia de que diabo falava ele, mas fiz que sim com a cabeça como se soubesse.

Quando o autocarro chegou a casa do Howard, ele pegou na mochila e disse:

— Não te esqueças. «Ananás.»

Fiquei a vê-lo e ao irmão subirem os degraus raquíticos do alpendre e desaparecem dentro de casa, deixando a porta de rede bater com estrépito atrás deles. Ao lado da porta da frente estava um sofá com ar esburacado coberto com uma manta. Plantas amarelecidas e murchas e flores secas em latas de café orlavam a beira do alpendre. Talvez os Odoms tivessem tão bom coração que nem se ralavam em morar numa casa com ar tão infeliz.

O autocarro arrastou-se e gemeu pela estrada acima. Eu ia a pensar no que diria à Bertha por causa do

incidente dos pontapés quando reparei num grande alarido do lado de fora.

Eram dois cães pegados num caminho de terra batida ao lado de um aglomerado de caravanas. Um pequeno e preto. O outro castanho e preto, e escanzelado como tudo. Havia uma rapariguinha que não parava de gritar e um velho a ligar a mangueira do quintal e a apontar o jorro de água ao cão escanzelado.

— Fora daqui! — berrou ele.

Saiu uma mulher de uma das caravanas e tentou agarrar no cão preto enquanto o cão escanzelado batia os queixos e rosnava. Nisto, lançou-se a fugir. Correu na beira da estrada ao lado do autocarro um minuto ou dois, as orelhas compridas a esvoaçar na brisa. Encostei a cara à janela e fiquei a vê-lo cambalear à beira da estrada, virar e desaparecer na mata.

Quando saí na casa do Gus e da Bertha uns minutos depois, olhei para as botas brancas dos desfiles. A Jackie ficava sempre tão bonita com elas, mas eu ficava com um ar parvo. Aquelas miúdas tinham razão em gozarem comigo.

Aquela sensação de fúria já tão conhecida começava a assentar em mim como um cobertor. Só que, dessa vez, estava furiosa comigo mesma por ser uma tansa que ninguém queria. Bati o pé e dei coices na gravilha, atirando-a aos arbustos das azáleas que cercavam o caminho.

Depois disse baixinho «ananás», antes de me dirigir à casa do Gus e da Bertha.

UM LIVRO EMOCIONANTE E QUE NOS FALA AO CORAÇÃO.
A PROVA DE QUE PODEMOS ENCONTRAR A AMIZADE
E A SORTE NOS LUGARES MAIS IMPROVÁVEIS.

A Charlie acaba de se mudar para a casa dos tios numa cidade do interior. Com apenas 11 anos, ela precisa agora de se adaptar a uma nova realidade.

Um dia, vê um cão esfomeado e sente uma ligação imediata com ele. Encantada e completamente derretida, dá-lhe o nome de *Ossos da Sorte* e toma uma decisão: aquele cão há de ser seu!

Com a preciosa ajuda dos tios e do seu novo amigo Howard, a Charlie arranja um plano para apanhar o *Ossos da Sorte* e embarca, mesmo sem saber, numa grande aventura. Ela está prestes a reencontrar a alegria e a redescobrir o lado maravilhoso da vida.

Uma história comovente que nos ensina
uma grande lição: muitas vezes, aquilo que
mais desejamos não é necessariamente
o que nos torna mais felizes.


livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-36-7

9+



9 789898 855367

Literatura Juvenil